

*Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 7: 111-131, 1997.*

## O POTENCIAL DOS ACERVOS ANTIGOS: RECUPERANDO A COLEÇÃO 030 DO MUSEU PAULISTA

*Paulo A.D. De Blasis\**  
*Walter F. Morales\*\**

DE BLASIS, P.A.D.; MORALES, W.F. O potencial dos acervos antigos: recuperando a coleção 030 do Museu Paulista. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 7: 111-131, 1997.*

**RESUMO:** Este estudo se ocupa de uma antiga coleção de artefatos arqueológicos do Museu Paulista, principalmente artefatos líticos polidos, proveniente de doações e considerada, em sua maior parte, como de proveniência desconhecida. A análise das próprias peças associada com algum levantamento arquivístico traz à luz uma variedade de artefatos pouco comuns, que raramente aparecem nas pesquisas de campo, revelando não apenas a proveniência individual das peças, como também mostrando que é possível recuperar muito da própria história daquele museu e dos diversos processos de gerenciamento e curadoria pelos quais passou ao longo de mais de cem anos de existência.

**UNITERMOS:** Curadoria de coleções museológicas – Arqueologia brasileira.

Este estudo tem como objeto uma antiga coleção de artefatos do Museu Paulista cujas origens são, em parte, anteriores à fundação daquele museu (em 1895), mas que só mais recentemente, nos anos 70, adquiriu o seu perfil último e a denominação de “coleção 030”, ambos discutidos neste trabalho. Foi concebido como um estudo de curadoria, uma colaboração no esforço institucional de recuperar e organizar as velhas coleções envolvidas na fusão dos museus da USP em 1989, quando foram integrados o antigo MAE, o Instituto de Pré-História (IPH) e os setores de arqueologia e etnologia do Museu Paulista (MP).

(\*) Museu da Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia. Pós-Graduação, mestrado.

A criação do novo Museu de Arqueologia e Etnologia (o novo MAE) implica na necessidade de adoção de novos e mais modernos parâmetros organizacionais na prática museológica, impulsionando os pesquisadores a revisar as coleções mais antigas que, quer por falta de controle documental, quer por serem consideradas refugio (restos de outras coleções), jaziam abandonadas nos porões empoeirados das velhas instituições.

Quando do início dos trabalhos, a coleção 030 era um conjunto de peças bastante heterogêneo e destituído de personalidade, sem história, ao qual o último catálogo do Museu Paulista, realizado por volta de 1985, atribuía friamente a designação “PDS” ou seja, “procedência desconhecida” Um rápido exame inicial na coleção mostrou um conjunto formidável de artefatos líticos, incluindo de um lado várias peças raras e diferentes entre si como zoólitos e pingentes de pedra polida, e de

outro lado amplos conjuntos de um mesmo tipo de artefato, como as lâminas de machado e as mãos-de-pilão, exibindo considerável variabilidade em termos de matérias primas, formas e dimensões. Observou-se também em muitas destas peças uma estratigrafia de até quatro registros numéricos diferentes, materializando na coleção uma longa história museológica que, muito provavelmente, seria possível resgatar.

A partir deste quadro inicial, o estudo da coleção 030 teve os seguintes objetivos: (1) organizar e catalogar a coleção a partir dos próprios artefatos, utilizando categorias descritivas e tipológicas explícitas, de modo a tornar esta classificação útil para um sistema de gerenciamento de acervo a ser implantado no MAE. Consequência natural desta atividade é a formação de um banco de dados pronto para ser usado nos procedimentos de gerenciamento de acervo e pesquisa. (2) Recuperar, na medida do possível, a história da formação da coleção e a documentação pertinente, o que significa na prática investigar a história dos processos museológicos adotados pelo Museu Paulista ao longo de seus mais de cem anos de vida. Finalmente, (3) suscitar uma discussão acerca dos possíveis usos para a coleção, envolvendo estudos tipológicos, usos didático-pedagógicos, exposições, etc.

### Procedimentos metodológicos

As atividades de análise da coleção em laboratório tiveram início em 1991 com os trabalhos do estagiário Antonio Castilla Rios<sup>1</sup> e, após uma série de interrupções devidas a causas diversas, foram finalmente concluídas em 1996, incluindo o registro catalográfico e o acondicionamento adequado das peças na nova reserva técnica do MAE.

O primeiro passo foi o cadastramento de todas as peças da coleção em fichas apropriadas, compilando-se os números de catálogo e os pequenos textos às vezes nelas inscritos, assim como descrevendo-as e medindo-as, incluindo pequenos desenhos de referência. Com isto foi possível gerar um controle preciso das peças que compõem a coleção, sua quantidade e características, assim como registrar a história museológica impressa nas

sucessivas recatologações pelas quais muitas delas passaram, o que por sua vez foi o ponto de partida para as investigações documentais realizadas na seqüência.

No que diz respeito à classificação das peças, considerando que os objetivos deste trabalho não envolvem análises tipológicas, a opção foi agrupar os artefatos da coleção em categorias amplas, evitando detalhamentos classificatórios baseados em características tecno-morfológicas. A intenção é apenas organizar a coleção usando categorias que permitam a descrição de conjuntos de peças, assim como seu manuseio e gerenciamento técnico no sistema museológico do MAE. Assim, utilizou-se sistematicamente, na classificação das peças, o conhecido *Manual para classificação das indústrias líticas da América do Sul* de Annette Laming-Emperaire (1967), complementado eventualmente por outras referências, citadas quando for o caso.

Todas as informações obtidas diretamente junto ao acervo, tanto quantitativas como qualitativas, foram compiladas em um banco de dados, aqui utilizado apenas para quantificação cadastral e estatística descritiva básica (através do uso do SPSS-PC), mas com amplo potencial para pesquisa e análise.

### A coleção 030: composição e características

A coleção 030 compõe-se de 464 peças líticas arqueológicas e etnográficas, formando conjuntos bastante diversificados quanto à documentação e a própria natureza dos objetos nela agregados ao longo dos anos.

Na Tabela 1 pode-se observar as categorias classificatórias utilizadas na sistematização da coleção, acompanhadas da frequência com que ocorrem. Como se percebe, mais da metade da coleção consiste em artefatos grandes e vistosos, como são as lâminas de machado e as mãos-de-pilão, o que é característico de coleções formadas a partir de doações e aquisições, e não de coletas sistemáticas produzidas por pesquisadores. Os conjuntos formados por uma menor quantidade de peças ou são ítems também chamativos, como os virotes ou as pontas de flecha, ou então consistem naquele tipo de objeto que desperta a curiosidade e o interesse do coletor, sem que ele possa definir claramente o que seja, como ocorre com as esferas polidas de

(1) Bolsa de Aperfeiçoamento do CNPq no. 82.0493/90.2.

pedra. As características de cada um destes conjuntos serão descritas e comentadas em seguida.<sup>2</sup>

**TABELA 1**

Categorias classificatórias utilizadas na análise da coleção 030 e quantidade de peças em cada uma delas

Tabelas classe	no. de peças	% na coleção
machados	266	57,0
mãos-de-pilão	48	10,0
manos	25	6,0
armaduras	24	4,0
boleadeiras	16	3,5
almofarizes	7	1,5
batedores	6	1,3
virotos	6	1,3
esferas	6	1,3
discos	4	1,0
quebra-cocos	3	0,7
cunhas	3	0,7
polidores	3	0,7
percutores	2	0,5
diversos	18	4,5
naturais	25	6,0
total	464	

#### *Lâminas de machado*

Esta é a categoria mais ampla da coleção (266 peças), um dos maiores conjuntos deste tipo de artefato no MAE, juntamente com outro colecionado por von Koseritz (Torronteguy 1975), e inclui não apenas as lâminas polidas acabadas, mas também uma variedade de esboços e pré-formas lascadas ou semi-polidas. Do total delas 76% estão inteiras, sendo que as demais consistem sobretudo em fragmentos distais (gumes), mais facilmente reconhecíveis. As matérias primas predominantes são as rochas básicas (77%) e gra-

(2) Além destes materiais, foram encontrados junto à coleção (ali depositados ao que parece a partir da década de 60) um total de 63 peças sem proveniência conhecida e sem documentação de qualquer natureza. Trata-se de 27 peças lascadas, 14 polidas, 12 polidores manuais e ainda 10 fragmentos de cerâmica e blocos de argila cozida. Considerando que estes materiais não foram numerados e não foram formalmente agregados à coleção, a opção aqui foi desconsiderá-los, sugerindo que lhes seja dado qualquer outro destino.

níticas (21%) que, pesadas e duras, são bastante adequadas para este tipo de artefato. São dignas de nota uma interessante peça polida em minério de ferro bruto (Figura 1-a), muito resistente e bastante pesada, e uma lâmina grande em sílex totalmente lascada bifacialmente, mas sem traços de polimento.

**TABELA 2**

Dimensões das lâminas de machado da coleção 030			
(em mm)	máximo	mínimo	médio
comprimento	311	29	120
largura	156	131	68
espessura	95	8	33
peso (gr.)	3070	30	562

O conjunto exibe grande variedade de formas e tamanhos, como se percebe na Tabela 2 e em alguns exemplos na Figura 1. É provável que esta variabilidade formal reflita alguma diversidade funcional, mas esta é uma questão sobre a qual há poucas referências na literatura. A seção transversal destes artefatos é predominantemente elíptica (91%) e raramente circular, apontando para a utilização preferencial da matéria prima na forma de seixos. Algumas lâminas exibem seção transversal retangular (6%), muito provavelmente fabricadas a partir de seixos bastante chatos, aplainados nas laterais. Como era de se esperar, estas lâminas de machado são quase sempre peças bastante simétricas, o que indica escolha criteriosa da matéria prima e um trabalho cuidadoso no polimento. A porção proximal (base) é quase sempre ogival, raramente apontada ou plana.

Além de grande variação em sua forma básica, estes artefatos exibem também uma certa variedade de características morfológicas adicionais como o sulco circular na extremidade proximal para facilitar o encabamento (14% das peças), e aletas (2%). Dentre os diferentes conjuntos de artefatos que compõem esta coleção, este é o que se encontra menos referenciado, pois apenas para 28% destas peças dispõe-se de alguma informação acerca de proveniência, doador, etc. Ainda assim, a quantidade e diversidade destas peças tornam este conjunto ideal para análises tipológicas e exercícios de percepção com escolares ou estagiários novos do museu.

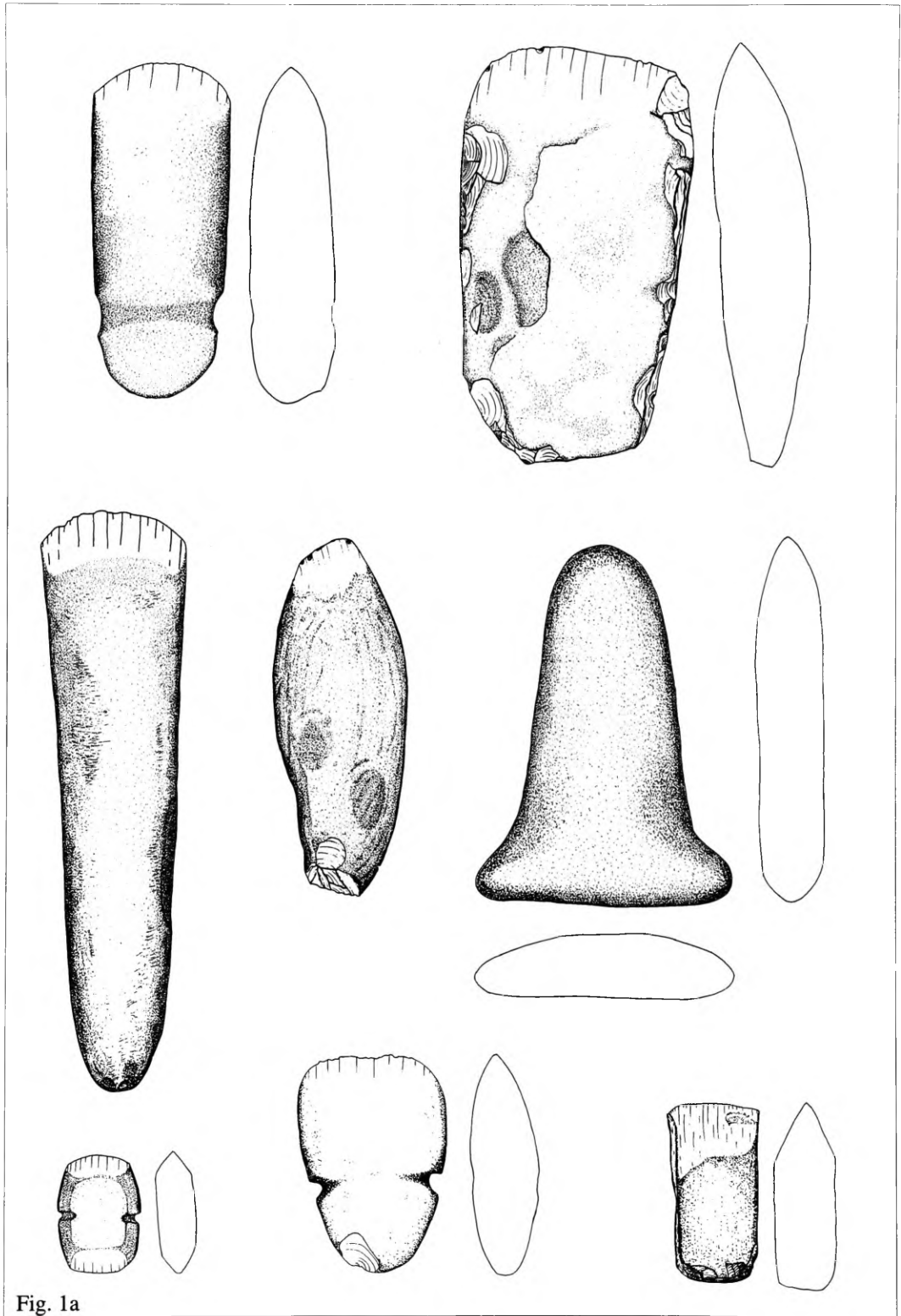


Fig. 1a



### Mãos-de-pilão

Este conjunto, o segundo maior da coleção, exhibe, assim como o anterior, uma grande variabilidade de formas e dimensões. A categoria foi definida a partir das características morfológicas peculiares destas peças, sendo que várias delas encontram-se em estado natural, tendo apenas sido utilizadas como mão-de-pilão. De dimensões variadas (Tabela 3), em sua maioria são perfeitamente cilíndricas (seção transversal circular), com a base plana ou levemente convexa, e a extremidade distal em ogiva, mais raramente plana ou apontada (Figura 2).

É interessante observar que, corroborando a diferença formal em geral evidente entre as extremidades destas peças, a base é sempre mais larga do que a ponta (15mm em média), e é nela que se concentram as evidências de utilização, muito embora não raro as pontas também apresentem sinais de uso.

### Socadores, batedores e percutores

Utilizou-se aqui o termo “socadores” para designar peças pequenas utilizadas para pilar, moer, socar, etc. Diferem das anteriores não apenas por serem menores, mas também por serem utilizadas com uma variedade de bases que não o pilão propriamente dito, mas antes almofarizes mais abertos ou mesmo bases planas de pedra ou madeira apoiadas sobre o chão. Também aparecem na literatura sob outras denominações tais como “mãos-de-pilão pequenas” ou “batedores” (esta última utilizada aqui mais adiante, para outro tipo de artefato).

Típicas deste grupo são as peças de forma cônica fabricadas por polimento (Figura 3). Entretanto, muitas vezes consistem em fragmentos reciclados de mãos-de-pilão ou seixos com formato

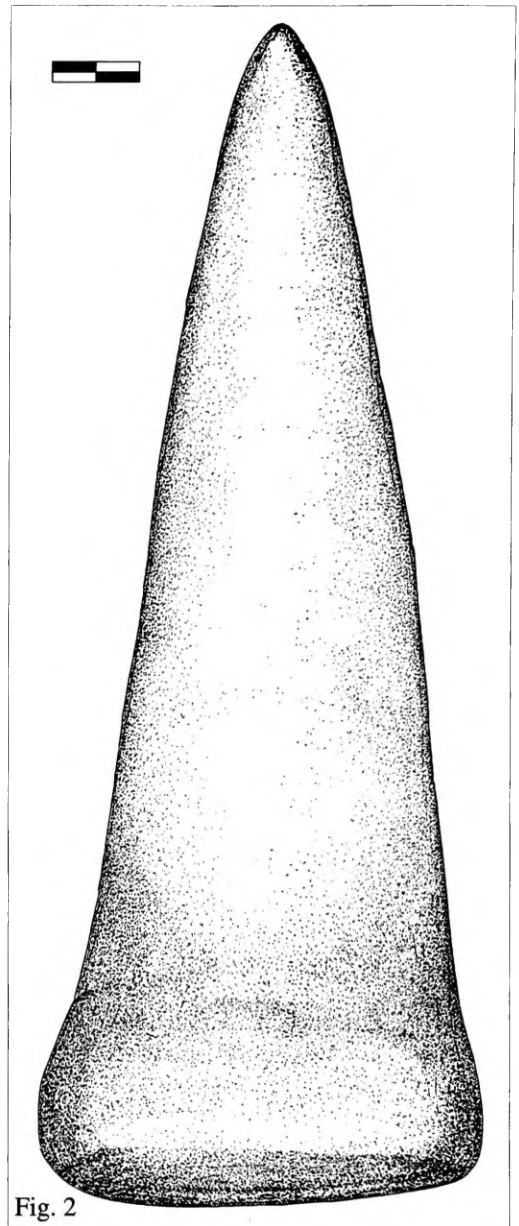
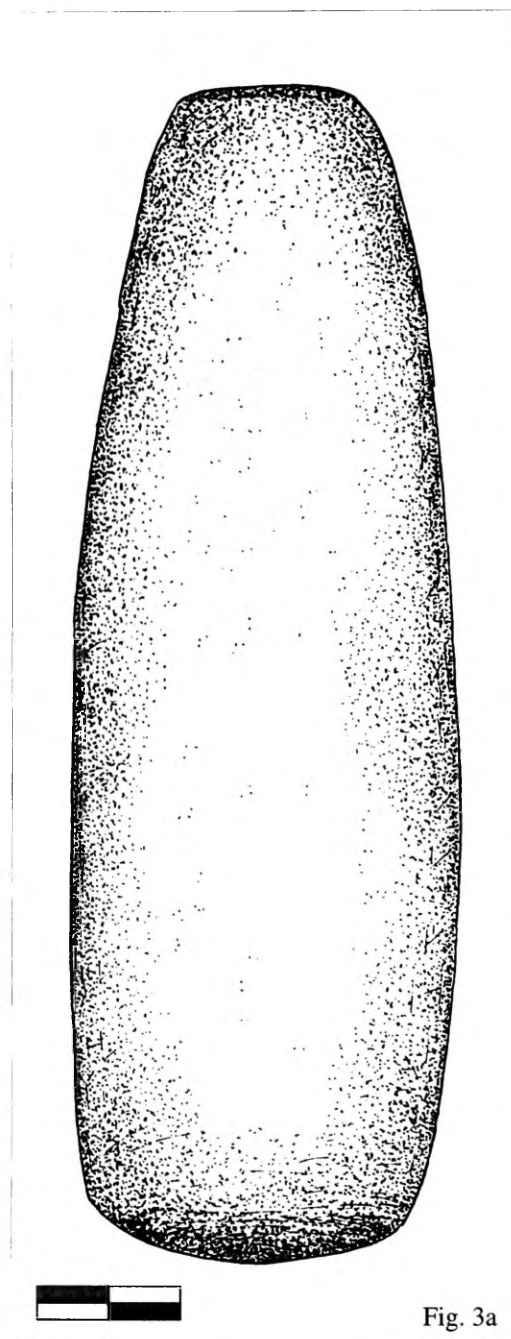


Fig. 2

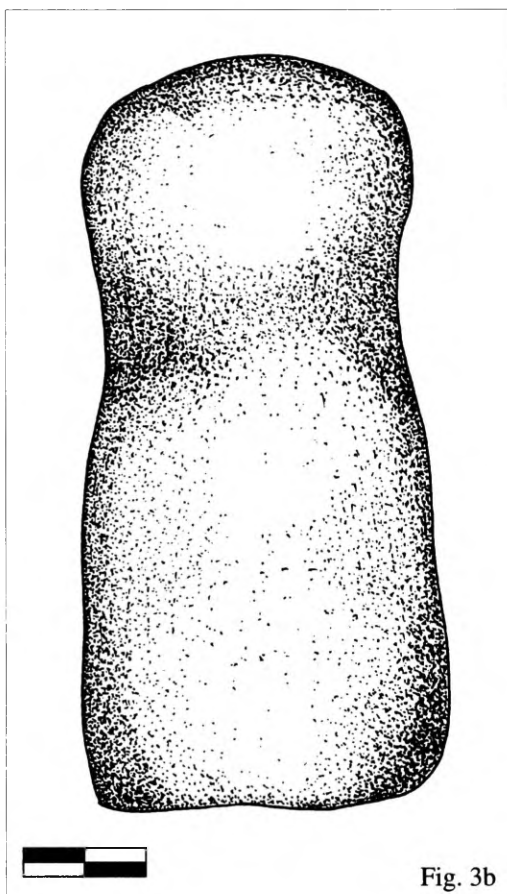
TABELA 3

Dimensões das mãos-de-pilão da coleção 030			
(em mm)	mínimo	máximo	médio
comprimento	64	750	321
largura	79	40	60
espessura	31	73	50
peso (gr.)	670	+5000	2548

naturalmente adequado para este fim, com seção transversal entre circular e elíptica, base preferencialmente ampla e plana e extremidade distal em ogiva. Usadas em geral manualmente (embora algumas exibam reentrâncias entalhadas para encabamento), estas peças são pequenas em média, com peso de 670 gramas, comprimento de 12cm e largura de 6cm, sendo que a base é freqüentemente sua parte mais larga.



As peças designadas como “batedores” são similares às anteriores do ponto de vista morfológico e funcional, diferindo apenas pelo fato de se tratar de seixos naturais, não fabricados, mas apenas trazendo evidências de uso nas extremidades. Des-



tes, dois trazem evidências características do uso específico na atividade de lascamento da pedra para fabricação de utensílios líticos, o que os define como “percutores”

#### *Armaduras*

Este termo é aqui utilizado segundo Laming-Emperaire (1967: 79) para designar de maneira genérica peças líticas lascadas, frequentemente bifaciais, usadas como extremidade funcional em artefatos compostos com cabos ou hastes como furadores, flechas, lanças, etc. As 24 peças que compõem este conjunto são principalmente pontas projetéis bifaciais de vários tamanhos e formas, todas fabricadas em sílex com exceção de uma pequena ponta em arenito silicificado. São pequenas em média (cerca de 8cm de comprimento), pontas de flecha de diversos tamanhos e formatos, algumas

peças bifaciais inacabadas e uma pequena ponta unifacial, retocada sobre uma pequena lasca. Encontra-se também incluída uma peça foliácea de maiores dimensões (Figura 4).

Destacam-se aqui quatro pontas em obsidiana negra bastante homogênea provenientes da ilha da Páscoa (Figura 4-c, d), onde são denominadas *mata'a* (Leroi-Gourhan 1988: 671).

#### *Bolas de boleadeiras*

As boleadeiras, utensílios típicos das planícies do sul do Brasil, Uruguai e norte da Argentina, caracterizam-se pelas esferas líticas que trazem amarradas nas extremidades. São justamente estas peças que compõem este conjunto, e são tipologicamente definidas não só pelo tamanho e pelo polimento (às vezes ausente), mas também pelo sulco equatorial característico, usado para a amarração (Figura 5). Feitas em geral de rochas duras e pesadas (basalto, granito), têm um diâmetro de 54mm em média.

#### *Almofarizes, quebra-cocos e discos*

Os sete almofarizes que integram esta coleção são esplêndidos exemplos deste tipo de artefato. Consistem, todos eles, de seixos ou blocos de rocha resistente ou maciça (granito, basalto e micaxisto) exibindo, em uma das faces, a concavidade ampla e perfeitamente polida que caracteriza este utensílio, sem dúvida utilizado com socadores como os descritos mais atrás. Têm em média 20 por 15cm, com uma espessura de 7cm. As formas variam, mas em geral são blocos de faces paralelas lascados perifericamente, ou então seixos grandes e ligeiramente côncavos em um dos lados.

Os quebra-cocos diferem dos anteriores não apenas por serem menores, mas por não serem fabricados, apenas seixos de rochas resistentes e de vários tamanhos (10cm em média) exibindo a pequena concavidade que os caracteriza na porção central de uma das faces, às vezes das duas.

Finalmente, receberam a designação de discos quatro peças de formato circular, faces paralelas e bordos em ângulo reto, pequenos, tendo um diâmetro médio de 81mm. Fabricados por polimento sobre rochas duras, sua função exata é desconhecida, mas aparentemente trata-se apenas de um pequeno almofariz.

#### *Virotes*

Encontradições nos planaltos do sul do Brasil, os virotes são um tipo de ponta projétil polida, de forma rombuda, “destinadas a atordoar animais, que o caçador quer obter em estado vivo” (von Ihering 1904b: 573). Virotes de madeira foram documentados etnograficamente, sendo usados geralmente para abater aves e pássaros (Ribeiro 1988: 231). Os espécimens desta coleção, entretanto, são líticos, pequenos (82mm de comprimento por 38mm de diâmetro) e perfeitamente polidos, fabricados em rochas bem resistentes (básicas ou graníticas), possuindo uma forma cônica e alongada com seção transversal esférica (Figura 6).

Tiburtius & Leprevost (1954) reportam uma série de virotes líticos, e mais alguns de madeira, provenientes dos planaltos do sul do Brasil, associando seu uso à coleta do pinhão (ver também, a este respeito, Heath & Chiara 1977: 153). A distribuição geográfica e a contextualização arqueológica (apenas um dos virotes registrados por Tiburtius & Leprevost provém de escavações) sugerem que estes utensílios se encontram associados aos grupos ceramistas do planalto meridional, particularmente os de língua Kaingang, aos quais se vem atribuindo os sítios arqueológicos das tradições Itararé e Casa de Pedra, assim como as “casas subterrâneas” que se encontram desde a serra gaúcha até o sul de S. Paulo (Chmyz & Sauner 1971, Schmitz 1988, Robrahn 1989, Mello Araujo 1994 e De Blasis 1996).

De fato, a documentação examinada indica que pelo menos uma parte destes artefatos presentes na coleção 030 são provenientes do Rio Grande do Sul, recolhidos por colecionadores particulares e incorporados ao acervo do Museu Paulista no início do século. Neste sentido, é interessante ainda observar que um dos virotes desta coleção ilustra um estudo comparativo de von Ihering (1904b: 582 e estampa XXI, figura 14), o que atesta a presença daquela peça no acervo do Museu Paulista desde seus primeiros anos de existência.

#### *Esferas*

Estas peças fazem parte dos ítems “curiosos” da coleção, quase sempre recolhidos por colecionadores particulares. Perfeitamente polidas, é impossível saber se estas peças exibem polimento natural ou intencional (isto é, se foram ou não fabricadas), sendo mais provável a primeira hipó-



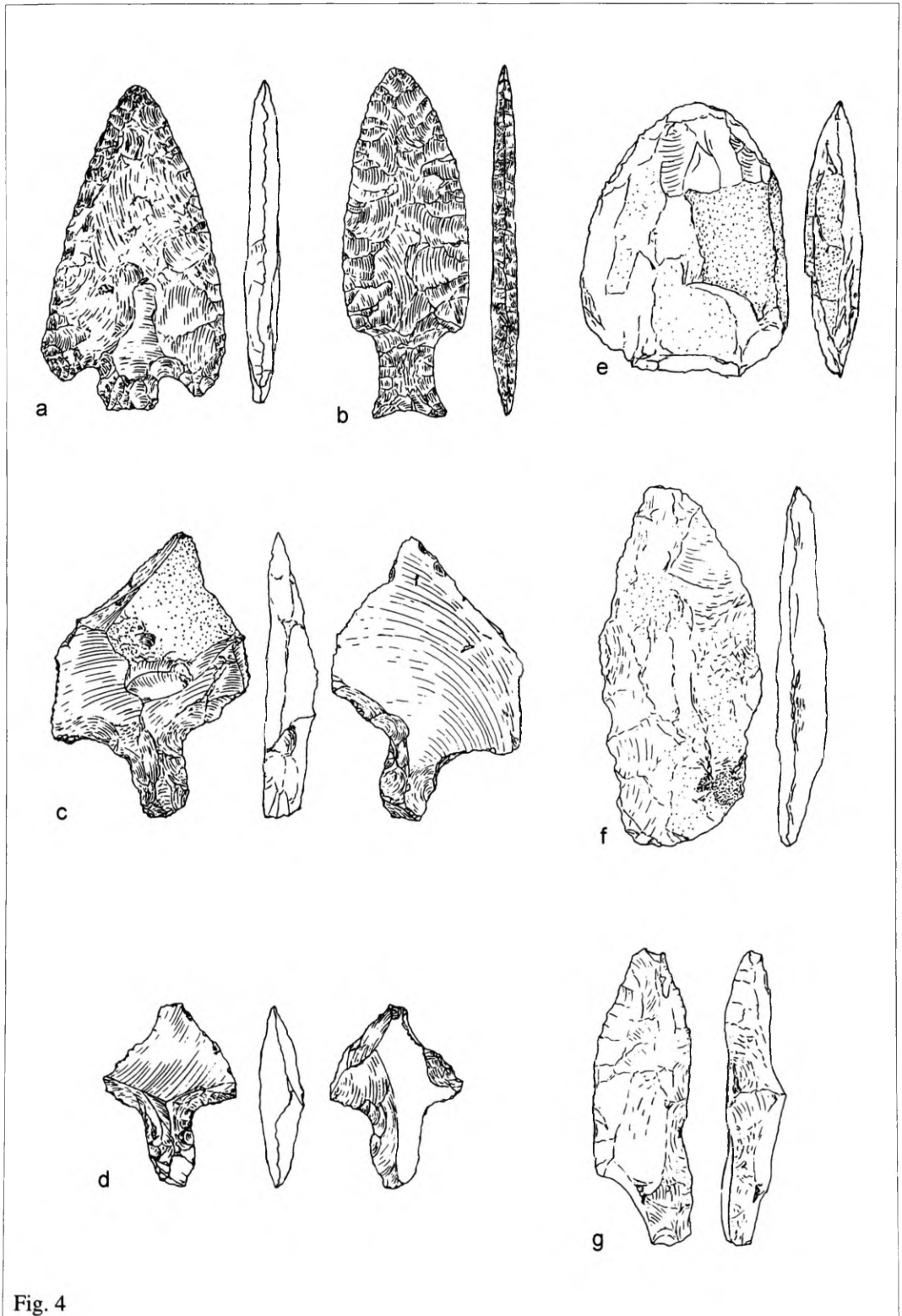


Fig. 4

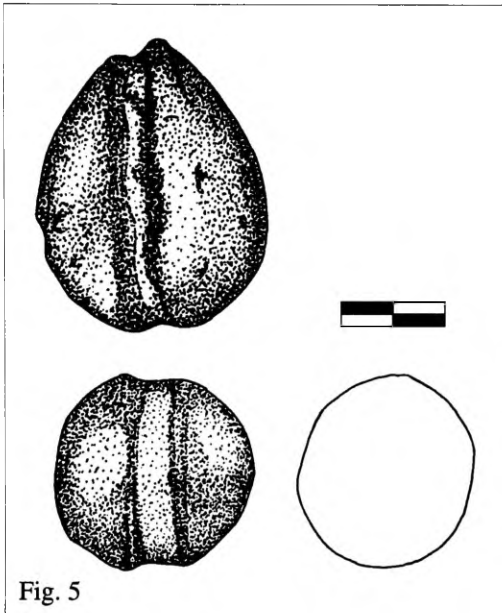


Fig. 5

tese. Por outro lado, não são raros os casos em que objetos em estado natural, às vezes com formas, texturas e/ou matérias primas peculiares ou “exóticas”, tenham sido “apropriados” culturalmente, o que os torna igualmente interessantes do ponto de vista arqueológico, configurando o que se convencionou chamar de manuport). A documentação compulsada sugere que se encontram associadas às ocupações litorâneas (sambaquis) do sul do Brasil, mas nenhuma delas provém de um contexto arqueológico preciso.

Têm vários tamanhos, a maior 150mm de diâmetro, e a menor apenas 30mm. Embora não tenha sido possível determinar com exatidão as matérias primas devido ao fato de se encontrarem bastante patinadas, é quase certo tratar-se de rochas básicas, bem pesadas e resistentes.

#### *Cunhas*

Receberam esta designação três artefatos polidos, fusiformes, com base chata e ponta em bisel, o que os faz diferentes das mãos-de-pilão e das lâminas de machado, das quais, no entanto, são aparentados tanto em termos de tecnologia como de forma. Pequenos (o maior tem 225mm de comprimento), têm função desconhecida (é possível que tenham servido ao trabalho em madeira, ou

sejam utilizados em atividades agrícolas), e dois deles exibem evidências de uso na extremidade distal (Figura 7).

#### *Polidores*

As três peças incluídas nesta categoria são fragmentos de arenito usados para polir (afiar)

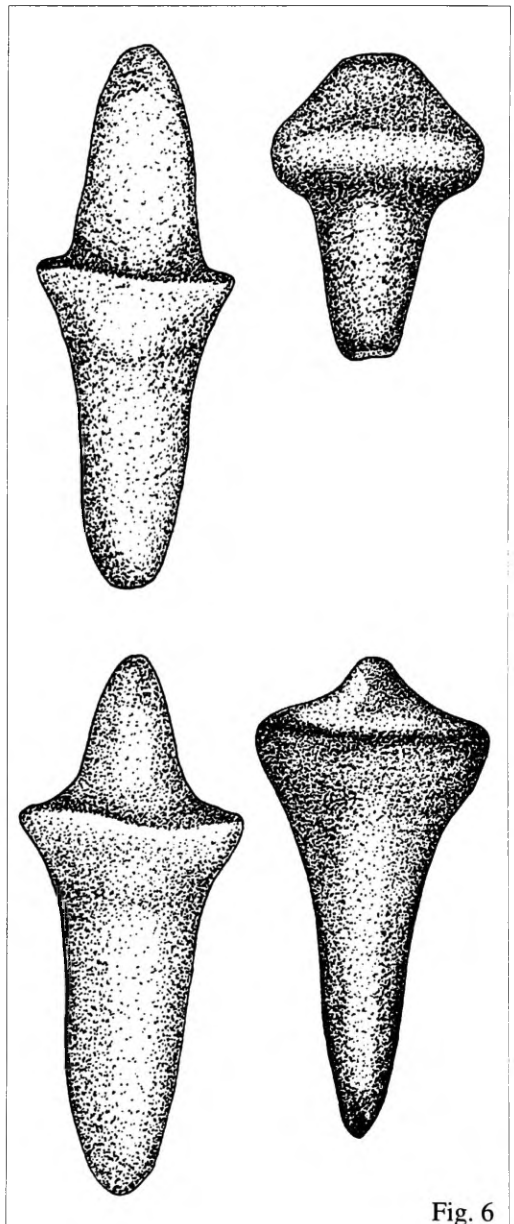


Fig. 6



Fig. 7

gumes cortantes de artefatos polidos, o que produziu neles os sulcos profundos e marcados que os caracterizam. Pequenos (cerca de 6cm em média), são adequados para o uso manual diretamente na lâmina.

#### *Artefatos diversos*

Este grupo, arbitrariamente estabelecido com o objetivo de reunir tipos de artefatos que concorrem com apenas um único exemplar na coleção, integra em suas 18 peças alguns dos mais belos espécimes do acervo do MAE, ao lado de curiosidades puramente pitorescas.

Talvez a peça mais notável deste grupo seja um zoólito ornitomorfo feito em rocha básica, o qual atualmente compõe a exposição de longa duração do MAE. Sua proveniência é desconhecida (não se encontrou qualquer documentação a respeito), mas é provável que seja proveniente de um sambaqui do sul do Brasil, onde foram descritas peças semelhantes (Prous 1977). Ao que tudo indica, entretanto, esta peça jamais foi catalogada ou publicada anteriormente. Suas medidas são 254mm de comprimento por 111mm de largura e 63mm de espessura (Figura 8).

Outro item único no acervo do MAE é um pingente de rocha básica perfeitamente polido, de formato aproximadamente quadrangular (88 por 62mm), muito delgado (6mm de espessura) e faces absolutamente paralelas (Figura 9-a). Foi adquirido do Dr. Benedito Estellita Alvares (Moji das Cruzes) no dia cinco de setembro de 1903. Apesar de sua proveniência ser desconhecida, é provável que se trate de uma peça originária dos sítios do litoral meridional do Brasil.

Outra peça que, embora relativamente comum no sul do Brasil, não parece ocorrer ao norte do Rio Grande do Sul e também única no acervo do MAE, é um belo itaiçá (Kern 1991), ou seja, um anel de rocha granitóide perfeitamente polido com um orifício central para encabamento, o que o torna uma arma formidável (Figura 9-b). Suas dimensões são 111mm de comprimento por 91mm de largura e uma espessura de 34mm, tendo o orifício central um diâmetro de 22mm. Já integrava o catálogo de 1914 com a designação “disco de diorito perfurado – bola de funda charrua – coleção antiga”, o que indica tanto sua antiguidade no acervo do Museu Paulista como sua proveniência meridional, e ainda uma provável associação étnica.

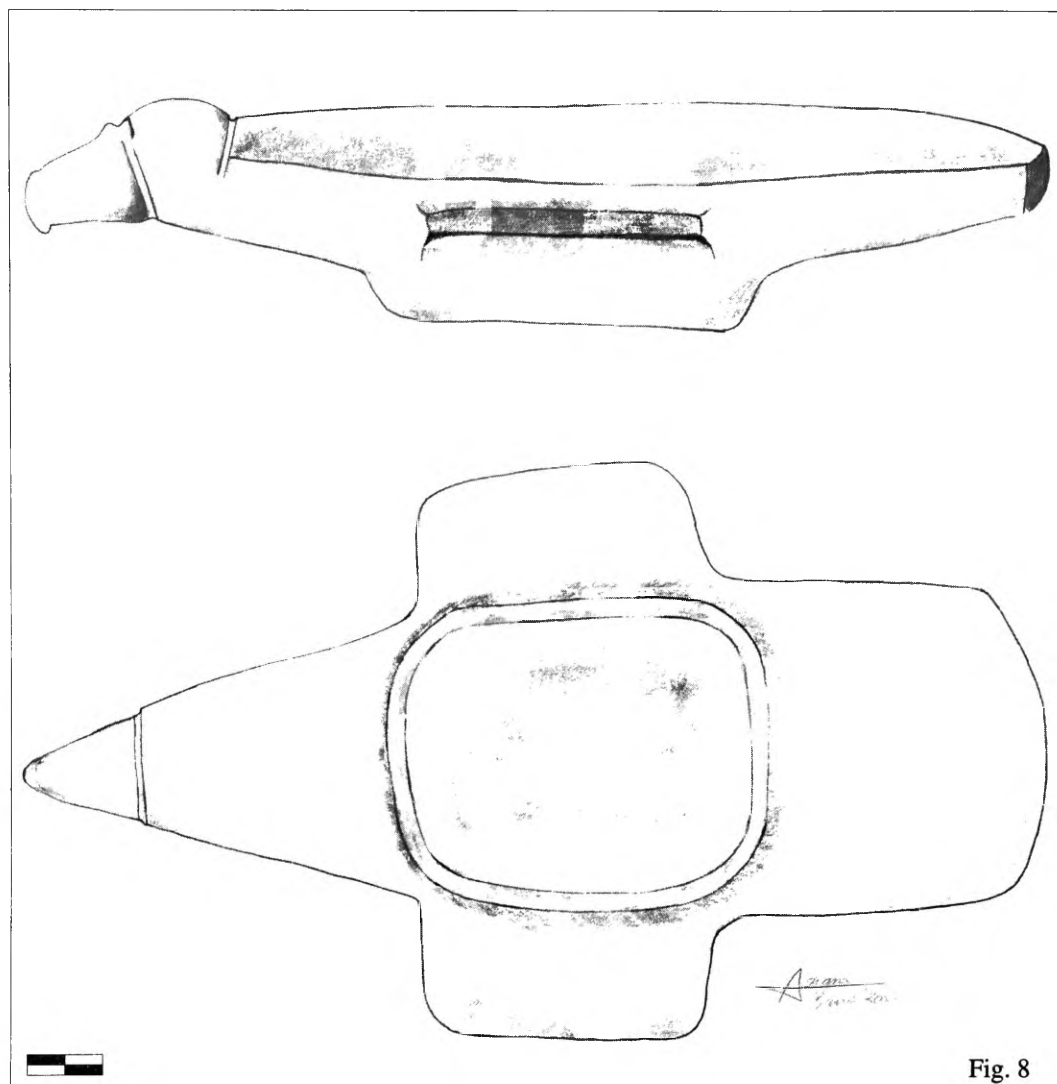


Fig. 8

Ocorrem ainda dois outros pequenos discos em rocha básica neste grupo, ambos perfeitamente polidos, encontrando-se o menor deles fragmentado. As dimensões do maior são 63mm de diâmetro e 28mm de espessura, com um orifício central de 18mm de diâmetro. Estima-se que se trate de um tortual, ou seja, um disco utilizado como peso e ponto de equilíbrio de um eixo de madeira para o qual se prevê movimentos circulares, como em um fuso. É com esta interpretação, inclusive, que esta peça maior integra a exposição de longa duração do MAE (*Formas de Humanidade*), como indicadora de produção agrícola.

Duas outras peças são bastante peculiares, de formas raras, acerca das quais não se encontrou referências na literatura.<sup>3</sup> Uma delas consiste em um disco de rocha básica maciça, perfeitamente polido, plano em uma das faces e ligeiramente

(3) Cabe observar aqui que não se fizeram levantamentos exaustivos na literatura arqueológica em busca de referências para estas peças “raras”, ou “peculiares”, existentes na coleção 030. É bem possível que, se tais levantamentos forem feitos, se descubra algo mais acerca destes artefatos, o que no entanto não se encontrava nos objetivos imediatos deste trabalho.

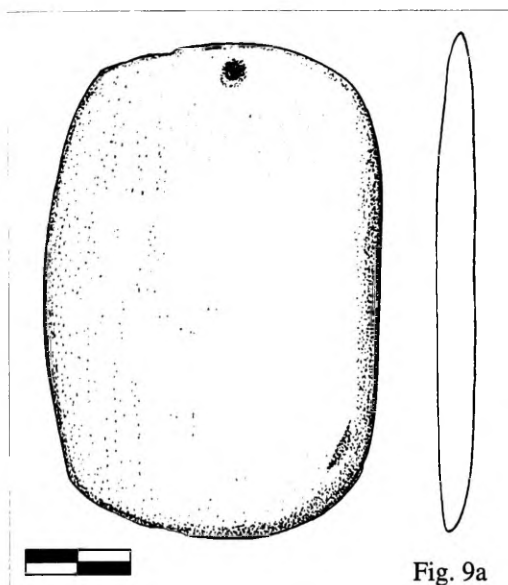


Fig. 9a

convexo na outra, com diâmetro de 101mm e espessura máxima de 36mm (Figura 9-c). Esta peça também já integrava a “coleção antiga” do Museu Paulista, onde consta a designação “pedra para moer – sambaqui do litoral de S. Paulo”. A outra, proveniente da colônia de S. Lourenço (RS), foi doada ao MP pelo sr. Devantier em 1896, e ao que parece também provém de um sambaqui. Trata-se de uma peça inteiramente polida em um formato circular com faces planas e paralelas que não permite maiores inferências funcionais. Suas dimensões são 75mm de diâmetro máximo por 55mm de espessura (ao longo de seu eixo central).

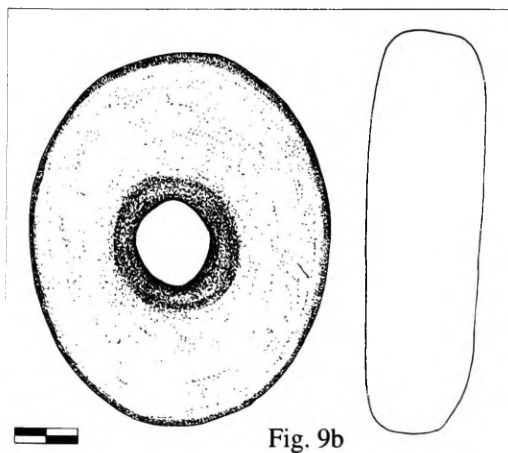


Fig. 9b

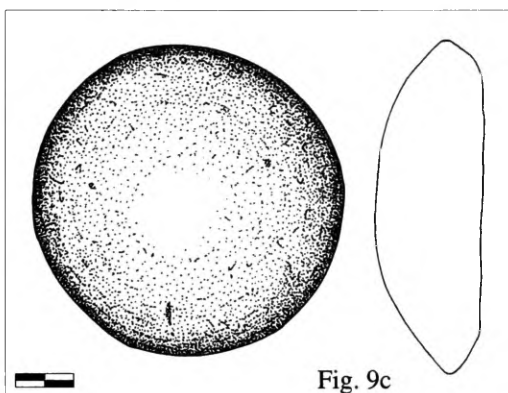


Fig. 9c

Também “exóticas” como as anteriores são duas peças polidas de formato aproximadamente retangular, com faces paralelas e espessura reduzida, uma das quais ainda traz visíveis os restos de lascamento utilizado no processo de formatação. Fabricados sobre rochas metamórficas mais frágeis, apesar de se assemelharem a preformas de lâmina de machado não parecem ter uma função associada a atividades pesadas, muito embora não se saiba a rigor em que foram utilizadas. Suas dimensões são, respectivamente, 152x84x11mm e 116x117x30mm.

Um último conjunto de peças polidas “exóticas” deste grupo diz respeito a um objeto pequeno (47x37x26mm) de forma ovalada com um orifício central, profundo, em uma das faces, acerca do qual não se encontrou qualquer referência; e também a um pequeno objeto fusiforme inteiramente polido (55x17x13mm) adquirido do sr. Joaquim Araujo Dias em novembro de 1912 e proveniente de Cabo Verde, Minas Gerais (Figura 9-d). Sua função não é clara, mas parece ser um pingente ou adorno.

Finalmente, encontram-se neste grupo um artefato lascado plano-convexo (“lesma”), “pertencente à Comissão Geográfica e Geológica e cedido *temporariamente* (grifo nosso) ao Museu Paulista em 2/1/1903 pelo chefe da mesma, Dr. O.A. Derby” e um total de 5 seixos e fragmentos rochosos que receberam polimento parcial, geralmente em uma das extremidades, não sendo classificáveis em qualquer categoria anterior. Conclui este conjunto de peças “exóticas” uma pequena amostra de lâmina petrográfica, obviamente integrada à coleção em algum momento posterior por um funcionário totalmente despreparado para as funções de arqueólogo ou museólogo.

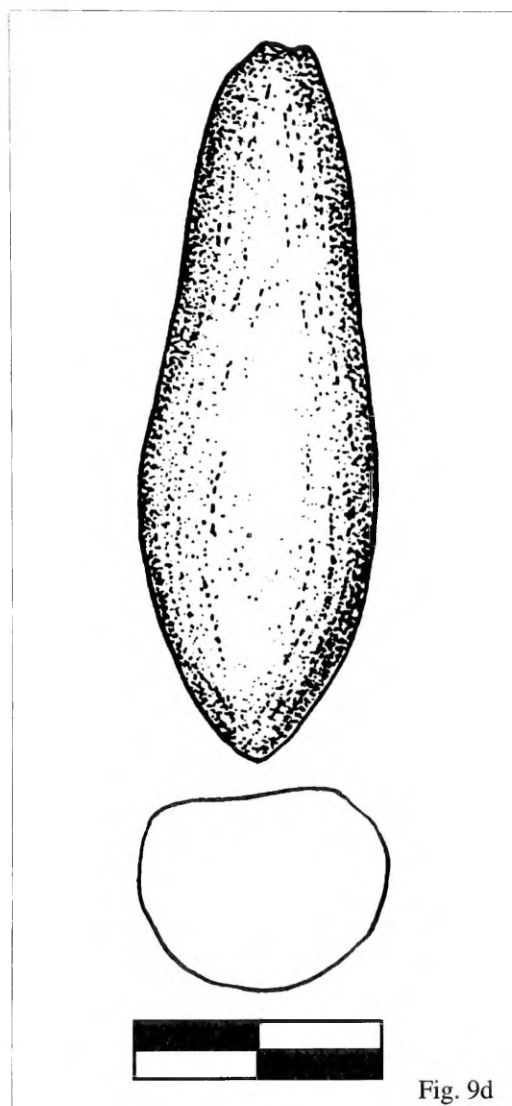


Fig. 9d

#### *Naturais*

Um total de 25 peças numeradas na coleção 030 não possuem qualquer interesse arqueológico. Trata-se de seixos naturalmente polidos, plaquetas e fragmentos de rocha com formas curiosas. Novamente se caracteriza a situação típica de peças doadas por “pessoas interessadas” incorporadas ao acervo do Museu Paulista sem qualquer critério. Vale observar que este é um processo antigo, pois uma destas peças, proveniente da colônia de S. Lourenço (RS), foi doada em 1915 por Christiano Ensler, e incorporada sem maiores discussões ao acervo do Museu Paulista.

#### **Documentação e história: os processos envolvidos na formação da coleção 030**

Como foi dito no início, muitas destas peças exibiam não apenas o número de registro “030” mas também outros, às vezes até quatro números diferentes na mesma peça. Estes números foram o ponto de partida para uma investigação documental que, mais do que traçar a origem e a proveniência de boa parte da referida coleção, significou também um mergulho na história institucional do Museu Paulista.

Ao longo deste processo percebeu-se que este conjunto de artefatos líticos é composto de peças que foram sendo incorporadas ao acervo do Museu Paulista em diferentes momentos e que, na verdade, somente a partir da reorganização das coleções empreendida nos anos 70 é que se constituiu aquela que ficou sendo designada como “coleção 030” montada, na época, com refugos de outras coleções, os quais não possuíam (ou possuíam poucas) referências documentais. Entretanto, através do detetivesco processo de pesquisar a documentação reunida nos arquivos do Museu Paulista, produzida em parte até mesmo antes de sua fundação, percebeu-se que para uma parcela significativa dessa coleção era possível sim encontrar documentação que indicasse origem do artefato, coletor e época, etc..

O primeiro passo para resgatar as informações e recontextualizar a coleção foi retomar os cadastros anteriores e, retrospectivamente, peça por peça, ir coligindo os fragmentos de informação disponíveis em cada um deles. Partiu-se para isso das diferentes numerações presentes nas peças, que foram aos poucos sendo relacionadas a este ou aquele inventário. Este procedimento permitiu controlar a época da entrada das peças na coleção, sua dinâmica de crescimento e, inclusive, identificar as peças mais antigas, que por sinal se encontram entre as melhor documentadas.

O registro catalográfico mais antigo do Museu Paulista, referente a todo o seu acervo, inclusive algumas das peças que posteriormente integrariam a coleção 030, encontra-se nos manuscritos *Livro de Entradas da Ethnographia e Anthropologia-Archeologia, Catálogo II das Collecções Anthropológica e Ethnográfica do Museu Paulista*, assim como no *Livro de Tombo de 1914*. Os números correspondentes a esta primeira catalogação permanecem destacados e perfeitamente legíveis em várias das peças examinadas.

No exame daqueles manuscritos constatou-se que muitas das peças haviam dado entrada no Museu Paulista em tempos bem anteriores a 1914, estando escrito já na primeira página do livro de tombo em questão, no cabeçalho, o nome da primeira coleção anotada, no caso a *Collecção Ethnographica e Anthropologica Carlos von Koseritz*, proveniente do Rio Grande do Sul. Entretanto, a compra dessa coleção deu-se em 1902, bem antes da sua inscrição no livro de tombo (Torroneguy 1975). Na seqüência, surgiram outras referências de peças adquiridas durante os primeiros anos do século XX e a última década do século anterior (por exemplo a peça 4542, doada em 1896 por Christian Ensler, proveniente da colônia de S. Lourenço, Rio Grande do Sul). Diante desse fato, ficou evidente que as informações contidas no Livro de Tombo de 1914 haviam sido retiradas de fontes ainda mais antigas.

Foi possível encontrar parte destas referências no *Relatório de Atividades – 1903-1915* (A8MP/FM8, L05) depositado no *Inventário do Arquivo Permanente do Museu Paulista: Fundo Museu Paulista e Fundo Museu Republicano Convenção de Itu* de 1994 (no setor de documentação do Museu Paulista), e também nos relatórios periódicos de Hermann von Ihering sobre as atividades do Museu Paulista durante seus primeiros anos (Ihering 1895, 1900, 1904, 1907, 1911, 1914). Em meio a estas crônicas é possível encontrar a descrição do acervo adquirido pelo Museu (doado ou comprado) ao longo do período, com informações sobre a quantidade de peças em cada aquisição, quem doou (ou coletou), quando e de onde são provenientes.

Parte das peças então catalogadas e numeradas seqüencialmente exibiam já uma numeração seqüencial anterior, nelas marcada com algarismos grandes seguidos por um ponto, referidas na documentação de 1914 como *collecção antiga do Museu Paulista*, formada em parte pela conhecida coleção do major Sertório que já existia em 1883 e que, tendo sido doada à Comissão Geográfica e Geológica em 1890 (von Ihering 1895: 18, Guillaumon 1996: 12), antes mesmo da fundação do Museu Paulista, foi posteriormente incorporada ao acervo deste museu como uma de suas primeiras coleções (Damy & Hartmann 1986, Hartmann 1994: 65-66, Elias 1996: 150).

No que se refere à segunda numeração realizada nas peças, ela ocorreu quando houve a separação definitiva das coleções etnográfica e arqueo-

lógica do Museu Paulista, em 1958. Nos artefatos arqueológicos, foi anotado um novo número em letras pequenas, com traço fino, precedido pela sigla RGA, ou seja, *Registro Geral de Arqueologia*. Neste inventário, datilografado, estão registrados os números antigos, assim como os correspondentes na nova numeração. Durante esta transcrição começaram as alterações dos registros.

De fato, ao se observar os diversos documentos produzidos ao longo das várias catalogações e triagens realizadas no acervo do Museu Paulista ao longo dos anos, percebe-se uma contínua perda ou descaracterização das informações do livro de tombo original (1914), provocada por constantes erros ou descuidos na transcrição das informações, acrescidas de abreviações ou supressões intencionais no texto original em cada nova descrição da peça. Tal procedimento foi acarretando, ao longo do tempo, uma enorme redução no teor da informação disponível acerca das peças, o que teve como resultado final a descontextualização total da coleção, transformando-a em sucata museológica.

Para se ter uma idéia das alterações por que passaram os registros das peças neste percurso de mais de 100 anos podemos citar a peça que recebe o número 4.753 no livro de 1914, onde está anotado “machado de diorite encontrado na Fazenda St. Antônio – margem direita do Rio Feio. Oferecimento do Dr. João A. Pereira Leite, 22-1-1917” Na transcrição para o inventário de 1958, ocorreu a alteração da palavra “Feio” por “feiro” e “diorite” para “diorito”. Já no trabalho de 1985, as informações adicionais transcritas do inventário de 1958 foram simplesmente suprimidas. É importante destacar que no levantamento de 1985 ocorreram as maiores perdas de informação, pois praticamente todas as referências quanto à origem das peças foram excluídas.

Outro exemplo bastante ilustrativo pode ser visto na peça 030-104, RGA-1042, mantendo aqui o mesmo número já nela inscrito anteriormente. No tombo de 1914 temos “Pedrinhas redondas, polidas, com sulco fraco, para serem amarrados pesos de rede. Do Sambaqui de Torres (SC). Collecção Balbino de Freitas, comprado por intermédio do Sen. J. M. Paldaff, VI-06” No inventário de 1958 ficou “pequenos artefatos de pedra com sulco. Sambaqui de Torres, RGS” Na triagem de 1985 a peça é descrita como “moedor (?), lítico circular com depressão central”. Nestes exemplos, e em outros que aparecem na Tabela 4, é possível

**TABELA 4**

Exemplos de perda de informações nas sucessivas catalogações do acervo arqueológico do Museu Paulista		
TOMBO – 1914	RGA – 1958	030
3919 – “Objetos pré-históricos. Comprados do Sr. Joaquim Araújo Dias. XI-1912. Cabo Verde, Est. de Minas Gerais”	3919 – “Objeto pequeno, alongado com sienite. Comp. de Sr. J. A. Dias. Cabo Verde, Minas Gerais”	330 – “Objeto lítico fusiforme Adorno (?). Uma face plana
895 – “Machado menor, liso com 1 sulco circular, mediano – do sambaqui de Torres – Collecção Balbino de Freitas, com. em VI-06 por intermédio do Sr. J. M. Palfaof – Rio Grande do Sul”	1298 – “Machado de pedra com entalhes”	311 – “Machado picoteado com reentrâncias para encabamento”
4539 – “Disco de diorito perfurado – bola de funda Charrúa – Collecção Antiga”	993 – “Disco de pedra, bola de funda. Coleção antiga”	118 – “Perfurado no centro”
5391 – “Machado de pedra. Rio Xingu. Offerta do Dr. Hurley. VII-1933 – Pará”	455 – “Machado de pedra. Oferecido por Hurley”	267 – “Machado polido”
5067 – “Machado de pedra de índios do Brasil. Encontrados nas escavações da estrada de rodagem do Exmo. Presidente da República, 1927”	489 – “Machado de pedra. Índios do Brasil. (com entalhes laterais)	444 – “Machado polido para encabamento”
402 – “Ponta de flecha (não acabada). Pertence este objeto à comissão geogr. e geol. Foram cedidas temporariamente a este museu pelo chefe da mesma. Dr. A. Derby. 2/7/1903”	402 – “ponta de flecha, cedida ao museu pelo chefe da comissão geográfica e geológica, 02/01/1903. Dr. A. Derby	443 – “Ponta de flecha”
5070 – “Ponta de flechas da ilha de Pásqua (Chile). Offerta do Sr. Fraz. Santiago – Chile – 1927”	495 – “Artefatos de sílex”	008 – “Lítico lascado (basalto ?)
508 – “Ponta de pedra de lança – comprada ao senhor Dr. Benedito Estellita Alvares – Mogy das Cruzes. 5/IX/ 03 – índios do Brasil”	508 – “Virote”	257 – “Virote”
4538 – “Pedras para moer – sambaqui – costa de São Paulo. Coll. Antiga”	1145 – “Virote”	151 – “Virote”
5063 – “Machado de pedra, índios do Brasil, dádiva do Sr. Júlio Pasquanelli, 20/5/927 – São Paulo”	5063 – sem descrição	190 – “Machado – seixo polido com gume, assimétrico”

perceber as alterações e perdas de informação a que estão sujeitas as peças.

O terceiro e último cadastramento, com a inscrição de um novo número nas peças (o quarto em algumas delas, que integravam a *collecção antiga*), ocorreu nos primeiros anos da década de 70. Ele se deve à realização de uma nova reorganiza-

ção e reclassificação geral do acervo arqueológico do Museu Paulista. As informações referentes às várias coleções, antes reunidas sequencialmente no inventário de 1958 (RGA), são nesta época separadas em função da sua região de origem, recebendo cada coleção um código específico e uma numeração sequencial própria. Com isso, o mate-



rial do México recebeu o código 013, o da Argentina 011, a Coleção Max Uhle (Peru) 001 (Coelho 1977), Equador 014, etc. (sobre estes procedimentos ver o *Noticiário do Museu Paulista de 1974*, na Revista do Museu Paulista vol. XXII, 1975).

Um bom exemplo deste processo é a Coleção Limur. Ela foi comprada na Europa e trazida ao Brasil em 1914 (von Ihering 1918), sendo numerada seqüencialmente, assim como as demais peças do acervo do Museu Paulista na época, no livro de tombo elaborado naquele mesmo ano. Em 1958 recebe o código RGA com um novo número igualmente seqüencial, assim como todo o acervo, com suas informações apenas transcritas para as duas pastas intituladas *Registro Geral do Acervo Arqueológico*. Nos anos 70, com a reorganização geral do acervo, a Coleção Limur é analisada sistematicamente (Vilhena de Moraes 1972/1973) e renumerada seqüencialmente em separado das demais coleções, recebendo agora a sigla 008. Seguindo esse mesmo procedimento, todas as coleções são organizadas, sempre em função de sua região de procedência.

Ao final destes trabalhos de reorganização sobrou uma grande quantidade de peças que não se enquadrava nos conjuntos então formados, sobretudo peças com origens diversas e coletadas por diferentes pessoas em diferentes momentos, tendo entrado no acervo individualmente ou em pequenos conjuntos, provenientes em sua maioria de diferentes regiões do Brasil. Desta “sobra”, um tanto quanto heterogênea em conteúdo e origem, “nasce” a Coleção 030, que de agora em diante seria conhecida pela triste alcunha, em grande parte incorreta, de “sem procedência”

É correto afirmar que o material constituinte da 030 é pobre de referências. Muitos dos seus artefatos estão sumariamente descritos como “machado de índio”, “bolas de charrua” ou “índios do Brasil”. Contudo, para parte significativa do acervo foi possível obter referências bastante claras (ver Tabela 5) e, onde isto não ocorre, é certo que uma pesquisa sistemática na documentação primária e nos antigos registros do Museu Paulista traria um aporte de informações bem maior que o que aqui se apresenta.

A coleção 030 comporta em seu bojo artefatos de uma série de coleções menores, bem referenciadas na documentação (Tabela 6). Além destas, cerca de 50 peças foram doadas por diferentes pessoas ao longo do tempo (Tabela 7). A coleção 030 incorporou também materiais (sobretudo lâmi-

TABELA 5

Proporção de referências documentais encontradas para a coleção 030		
	quantidade de peças	%
etnia	30	7,5
coleções particulares	29	7,5
doadores individuais	48	11,0
região	16	4,0
“collecção antiga”- Sertório	34	8,0
sem referências	283	64,0

nas de machado polidas) coletados entre os índios “coroados/kaingang” (21), o que os caracteriza como etnográficos (apesar de cadastrados como arqueológicos), sendo material de referência sobre esta etnia. Infelizmente, as peças registradas como sendo de “índios do Brasil” e mesmo sem qualquer indicação, são bastante comuns (cerca de 64%), sendo que somente com uma pesquisa sistemática nos arquivos do Museu Paulista será talvez possível aumentar o índice de informações disponíveis acerca desta coleção.

Vasculhando-se as publicações antigas, às vezes aparecem referências interessantes. Por exemplo, no relatório de atividades (1906-1909) que aparece na Revista do Museu Paulista volume VIII (von Ihering 1911: 11), conta-se que foram comprados “180 exemplares escolhidos da collecção do sr. Balbino de Freitas, do Rio Grande do Sul; varios especimens de entre elles, do sambaqui de Torres”

No caso da coleção formada pelo major Joaquim Sertório, a primeira a integrar o acervo do Museu Paulista, muitas de suas peças estão escamoteadas pela denominação *collecção antiga do Museu Paulista* ou simplesmente *Colecção Antiga*. No livro de 1914, as peças 4.546, 4.547 e 4.598 estão registradas como provenientes da *Collecção Antiga-Sertório*, indicando serem ambas a mesma coisa, ou que a primeira engloba a segunda. Além do mais, no *Relatório sobre os trabalhos da secção zoológica durante o ano de 1893*, elaborado por von Ihering (em depósito nos arquivos da documentação do MAE), encontram-se alguns comentários sobre a transferência de uma série de “antigas coleções” para o museu recém-construído, isto é, o Museu Paulista, estando aí incluídos tanto materiais etnográficos quanto arqueológicos.

Os três levantamentos descritos até agora (1914, 1958 e 1974) são aqueles que resultaram

**TABELA 6**

Listagem de algumas peças, hoje na coleção 030, originalmente provenientes de acervos de colecionadores particulares (documentos originais no *Inventário Permanente do Museu Paulista*, APMP/FMP-P5, D32, 17)

<i>coleções</i>	<i>nº de peças</i>
Christovão Barreto, trazida da Bahia (Amargosa) em 1903	1
Balbino de Freitas, adquirida em 1906	7
Benedito Estellita Alvares (1903), de Mogy das Cruzes	5
Von Koseritz, trazida do Rio Grande do Sul	3
Hansa, proveniente de Conceição do Arroio, SC	1
Irmãos Barbedo (RS)	2
Christian Enslin (Collecção São Lourenço, RS)	10
"Collecção Antiga"	34

em novas e sucessivas marcações numéricas nas peças da coleção. Contudo, eles não foram os únicos: ocorreram outros levantamentos nos anos de 1977 e 1985. Na triagem de 1977 as peças da 030 foram medidas e desenhadas esquematicamente. Em 1985, estas anotações foram transcritas novamente, só que agora digitalizadas e encadernadas em espiral, intitulada "030 – Sem Procedência"

### **Discussão e algumas conclusões**

Um dos aspectos interessantes no estudo de antigas coleções é a avaliação dos critérios envolvidos em sua formação (Rothschild & Cantwell 1981). Algumas formas de organização e sistematização de acervos que podem atualmente nos parecer óbvias ou confusas, quase sempre estão inseridas em contextos ou com objetivos totalmente distintos dos atuais. Os grandes museus criados no Brasil nas últimas décadas do século passado seguiam a tendência européia da chamada "Era dos Museus" e dos "Museus Enciclopédicos" (Schwartz 1993), inserindo-se em um modelo de evolucionismo darwinista. Segundo esse modelo científico, as etnias indígenas representavam etapas passadas da humanidade, sendo apenas uma questão de tempo sua assimilação ou extinção total. Em função disso, era necessário registrar o máximo de informações e testemunhos desses grupos, com os museus se transformando em depósitos de cultura material, tanto indígena quanto arqueológica. O interesse central neste período estava voltado para a beleza estética e diversidade da cultura do material coletado, ficando o contexto e a proveniência em segundo plano, bem sintetizada na frase de Herman von Ihering em 1885:

"nosso projeto é de um museu enciclopédico que reúna mostras de todo conhecimento humano" A coleção 030, sobretudo os conjuntos mais antigos de peças, representa um bom exemplo disso, e na verdade, as referências obtidas para a coleção 030 extrapolam o âmbito puramente técnico-científico da documentação museológica. Não pouco da história da mentalidade científica de uma época, e da própria história do Museu Paulista, está nelas (literalmente) inscrita.

No que diz respeito ao fato de que esta coleção era considerada, no extinto Setor de Arqueologia do Museu Paulista, como "sucata arqueológica" portanto com pouco ou nenhum valor científico, as investigações desenvolvidas para este pequeno estudo mostraram definitivamente que tal ponto de vista era bastante equivocado. De fato, 36% das peças que compõem a coleção encontram-se de algum modo referenciadas e, se se excluir o conjunto de machados da análise, nada menos que 46% do total de peças pode ser contextualizado de alguma forma. Convém lembrar aqui que estas cifras são o produto de uma pesquisa pouco rigorosa nos acervos documentais do Museu Paulista; é certo que, se se realizar uma investigação sistemática naquelas e outras fontes (por exemplo, os arquivos da centenária Comissão Geográfica e Geológica), a proporção de peças contextualizadas aumentará significativamente.

Vale um comentário geral e final acerca do perfil da coleção 030. A predominância de lâminas de machado e mãos-de-pilão reflete, sem dúvida, não apenas o fato de que estas encontram-se de fato entre os itens mais comuns do registro arqueológico no Brasil, como também são facilmente reconhecíveis para o olhar leigo, o que se

**TABELA 7**

Relação de doadores esporádicos de peças que integram a coleção 030, obtida nos catálogos de 1914 e 1958	
<i>doadores</i>	<i>quantidade de peças</i>
Franz. Santiago da ilha de Páscoa em 1927	4
O. A. Derby	5
J. B. de Godoy de Vargem Alegre em 1900	1
A Devantier em 1896	1
Joaquim Araujo Dias, Cabo Verde, MG, 1912	9
Luiza Fonseca	1
José Lima Neto	1
Joaquim A. Pereira Leite no Rio Feio em 1917	1
Júlio Renato Pasquanelli	5
Celso C. de Oliveira, na foz do rio Biguá em 1948	1
Alexandre Emilio Fommier em 1925	2
Washington Luiz em 1927	2
Henrique Jorge Hurley em Curaça, Pará	2
David Cruz de Santa Catarina em 1930	2
Vicente Garcia Prieto, rio Feio, em Glicério, em 1950	1
Fr. Lese em 1917	2
von Ihering	3
João Teixeira	1
J. Bachley, dos índios Tucanos em 1907	1
Benedito Idelfonso Figueiredo	2
H. Schultz	1

reflete no fato de ser um dos ítems mais comuns entre as doações. Por outro lado, parte destas peças da coleção 030 podem ser consideradas bastante raras ou “exóticas” como por exemplo os zoólitos, os pingentes de pedra e outros ítems de difícil classificação (ver a descrição acima). Foram, na sua totalidade, doadas ou vendidas por colecionadores amadores em função justamente de sua “peculiaridade” a qual chamou-lhes a atenção. Estas peças são muito importantes pois, mesmo sem referência e proveniência documentadas, são absolutamente únicas no acervo do MAE e,

talvez, de todos os museus do Brasil. Mais ainda, algumas delas são documentos únicos e exclusivos sobre, por exemplo, a população que construiu os sambaquis, sendo que discos como o que aparece na Figura 10 não foram jamais referenciados em pesquisas sistemáticas naqueles sítios litorâneos, sugerindo (juntamente com os zoólitos e outras evidências) pistas sobre algumas características de complexidade daquelas sociedades ainda pouco conhecidas e exploradas na arqueologia brasileira.

Outro aspecto inesperado que se revelou com as pesquisas na documentação desta coleção é o conjunto de 22 artefatos polidos provenientes de contextos etnográficos definidos (21 lâminas de machado Coroados/Kaingang e uma Xavante), aparentemente coletados em diferentes momentos por diferentes pesquisadores. A presença destes ítems na coleção 030 evidencia descaminhos na organização do acervo do MP (provavelmente em 1958), e aproveita-se o momento para notificar a existência deste material, o qual pode despertar o interesse de pesquisadores envolvidos com o estudo destes grupos do Brasil meridional.

Da perspectiva dos procedimentos curatoriais de coleções museológicas, a retomada desta coleção antiga do Museu Paulista aponta para algumas questões significativas para o processo em andamento de reorganização dos acervos da USP no novo MAE. A primeira delas corresponde aos problemas resultantes da prática de realizar sucessivas triagens e inventários. Neste caso, por exemplo, tal prática resultou, em um período extenso de mais de cem anos, em alterações e perdas significativas na fidelidade das informações originais. Em princípio, alguns procedimentos de rigor nas transcrições, incluindo data e quem as fez, bastariam para evitar, ou ao menos restringir significativamente, essa perda.

Por outro lado, a prática de atribuir novos números – e aplicá-los nas peças – a cada nova reorganização do acervo deve ser rigorosamente descartada, de modo a evitar não apenas a poluição visual dos artefatos, mas também a conseqüente confusão na transcrição sucessiva dos registros e sua recatologação. Assim, mesmo que o MAE atribua um número de catálogo novo às peças de seu acervo no sistema de gerenciamento informatizado que venha a ser implantado, tal número jamais deverá ser fisicamente aplicado às peças já catalogadas anteriormente. A correlação eletrônica entre o novo

número e os anteriores (inscritos nas peças) deverá ser suficiente para os sistemas museológicos de controle e gerenciamento de acervo.

Quanto ao destino da coleção 030, o procedimento mais correto seria desmembrar parte das peças identificadas, reincorporando-as às respectivas coleções das quais originalmente faziam parte, como por exemplo as três peças que deveriam estar integradas à coleção von Koseritz, e também os artefatos associados aos grupos Kaingang, que deveriam ser integrados à coleção daqueles grupos no novo MAE.

O potencial museológico da coleção não é nada desprezível. Contém alguns exemplares únicos no acervo do MAE como os virotes, as boleadeiras, os zoólitos e os pingentes de pedra. De fato, parte des-

tes itens já foram aproveitados na nova exposição permanente, mas os grandes conjuntos de peças do mesmo tipo (como por exemplo as lâminas de machado) permanecem inexplorados museologicamente.

Quanto ao restante do material da coleção 030, com pouco ou nenhum contexto arqueológico, deveria ser inserido em um novo contexto – o educacional. Um aspecto é o uso de conjuntos grandes de artefatos do mesmo tipo para estudos e exercícios com alunos de arqueologia, envolvendo por exemplo estatística multivariada (Doran & Hodson 1975). Por outro lado, essas peças têm grande utilidade para o trabalho didático em monitorias realizadas no e pelo MAE/USP. Seu papel agora seria o de ser manuseadas pelos alunos, complementando o aprendizado sobre o passado pré-colonial do Brasil.

DE BLASIS, P.A.D.; MORALES, W.F. The use of museum old collections: retrieving the 030 assemblage from Museu Paulista. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 11-131, 1997.

**ABSTRACT:** This study deals with an old collection composed by mostly polished artifacts of formerly stated “unknown provenience”. The analysis of the artifacts themselves and some archivist research reveal not only rare and interesting archaeological items (and their individual origins), but also many aspects of the very history of the Museu Paulista and the processes of managing and curation the collections have suffered from its foundation, about one hundred years ago.

**UNITERMS:** Curatorship and management of museum collections – Brazilian archaeology.

### Referências bibliográficas

- ARAUJO, A.G.M.  
1995 *Levantamento Arqueológico da área do Alto Taquari, Estado de São Paulo, com ênfase na abordagem dos sítios líticos*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, São Paulo.
- COELHO, V.P.  
1977 *Coleção Max Uhle* Fundo de Pesquisa do Museu Paulista. USP, São Paulo.
- DAMY, A.S.A.; THEKLA H.  
1986 As Coleções Etnográficas do Museu Paulista. Nova História. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, Vol. XXXI, São Paulo: 220-272.
- DE BLASIS, P.A.D.  
1996 *Bairro da Serra em três tempos. Arqueologia e continuidade cultural no médio vale do Ribeira, S. Paulo*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP.
- DORAN, J.E.; HODSON, F. R.  
1975 *Mathematics and computers in archaeology*. Cambridge, Harvard Univ. Press.
- ELIAS, M.J.  
1996 *Museu Paulista: Memória e História*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP.
- HARTMANN, T.  
1994 Coleções Etnográficas e suas Origens (segunda parte). *Publicações do Museu Histórico de Paulínia*, 63: 61-68.
- HEALTH, E. G.; VILMA, C.  
1977 *Brazilian Indian Archery*. Manchester Museum and The Simon Archery Foundation.

- IHERING, H.v.  
1895 História do Monumento do Ypiranga e do Museu Paulista. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, I: 9-31.  
1900 O Museu Paulista no ano de 1898. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, IV: 1-7.  
1904a O Museu Paulista em 1901 e 1902. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, VI: 1-22.  
1904b Arqueologia Comparativa do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, VI: 519-583.  
1914 O Museu Paulista nos anos de 1910, 1911 e 1912. *Revista do Museu Paulista*, S. Paulo, IX: 5-24.  
1918 O Museu em 1913, 1914 e 1915 ("excerptos do relatório do então director Dr. Hermann von Ihering"). *Revista do Museu Paulista*, S. Paulo, X: 3-16.  
s.d. "Relatórios sobre os trabalhos da secção zoológica durante o ano de 1893", pp. 2 e 3. Documento 95 Manuscritos de Ihering (original manuscrito).
- IHERING, R.v.  
1907 O Museu Paulista nos anos de 1903 a 1905. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, VII: 5-30.
- IHERING, H.v.; IHERING, R.v.  
1911 O Museu Paulista nos anos de 1906 a 1909. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, VIII: 1-22.
- KERN, A.A.  
1991 *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- LAMING-EMPERAIRE, A.  
1967 *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da UFPR (Manuais de Arqueologia no. 2).
- LEROI-GOURHAN, A.  
1988 *Dictionnaire de la Préhistoire*. Paris, PUF.
- MORAES, A.V.  
1977 *Estudo da indústria lítica proveniente da primeira campanha de escavações (1971) no sítio Almeida – Município de Tejuapa, Estado de São Paulo*. São Paulo, SP: Museu Paulista. Coleção Museu Paulista, Série Arqueológica, 4.
- NOTICIÁRIO DO MUSEU PAULISTA.  
1975 Organização do acervo do Museu Paulista, *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, XXII: 225.
- PAIVA, O.M. (Org.)  
1984 *O Museu Paulista e a USP*. S. P., Banco Safra.
- PALDAOFF, J. M.  
1900 Arqueologia Rio-Grandense. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, IV: 339-347.
- PROUS, A.  
1977 Les sculptures zoomorphes du sud Brésilien et de l'Uruguay. Paris, CNRS (*Cahiers d'Archéologie d'Amérique du sud*, 5).
- RIBEIRO, B.  
1988 *Dicionário do Artesanato Indígena*. S. Paulo, Itatiaia – EDUSP.
- RIBEIRO, B. G.  
1985 Os estudos da cultura material: propósitos e métodos. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, XXX: 13-41.
- ROBRAHN, E.M.  
1989 *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira, S. Paulo: os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP.
- ROTHSCHILD, N.; CANTWELL, A.-M.E.  
1981 Introductory Remarks. A.M.E. Cantwell; J.B. Griffin; N.A. Rothschild (Eds.) *The Research Potential of Anthropological Museum Collections*. New York, *Annals of the N. York Academy of Sciences* v. 376: 1-6.
- SCHMITZ, P.I. (Org.)  
1988 *Pesquisas* (Antropologia). São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.
- SCHWARTZ, L.M.  
1993 *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras.
- TAUNAY, A. D'E.  
1918 Relatório do Museu Paulista referente ao ano de 1916. *Revista do Museu Paulista*, S. Paulo, X: 17-28.
- TIBURTIUS, G.; LEPREVOST, A.  
1954 Notas sobre a ocorrência de virotes, nos estados do Paraná e Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia IX*, Curitiba, Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas: 87-98.
- TORRONTÉGUY, T.O.V.  
1975 *Abordagem analítica de uma coleção arqueológica – um método interpretativo*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP.